

Apresentação

Patrícia Birman

Cornélia Eckert

É uma honra para nossa gestão da Associação Brasileira de Antropologia (2021-2022) apresentar o livro organizado pela coordenação do Comitê Patrimônio e Museu na gestão anterior (2019-2020), então sob a presidência dos colegas Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara.

A coletânea, intitulada *Patrimônios e Museus: Inventando Futuros*, nos entusiasma como um trabalho de especialistas que há longo tempo se dedicam a pesquisar as especificidades e transformações do campo de Patrimônio e Museus. É indiscutível a sua atualidade. Trata-se aqui de trabalhos que se reportam a muitos processos relativos à construção de várias modalidades de patrimônio e de suas transformações. Patrimônios materiais, imateriais e suas inserções históricas, sociais e culturais são temáticas que, nesta coletânea, se desdobram em análises etnográficas, em ensaios e produtos imagéticos.

A ABA, nessa conjuntura política nefasta às instituições democráticas, tem realizado, por meio de seu Comitê de Patrimônio, vários eventos que colocam em pauta as questões que assolam, no presente, as instituições culturais e patrimoniais do país. Reafirmam-se aqui os importantes processos e desdobramentos que têm mantido ativos, apesar de tudo, aqueles que garantem a presença viva das várias faces da cultura. A coletânea é também um exemplo de reflexões teóricas consistentes que, baseadas em estudos empíricos, buscam registrar muitas das iniciativas culturais e populares desse domínio em movimento.

O contexto de sua realização aponta para a multiplicação das dificuldades de forma ainda mais alarmante com a pandemia de covid, de proporções mundiais. O distanciamento social que se impôs complexificou as atividades do Comitê e exigiu uma rápida adaptação às comunicações virtuais

e relações sociais em meio digital. Lembremos que se trata de um domínio de saberes no qual a oralidade, os testemunhos e as formas festivas de sociabilidade participam da construção dos patrimônios materiais e/ou imateriais.

Neste contexto, saudamos os trabalhos do comitê de Patrimônio e Museus da ABA, voltado ao debate e à ação sobre as políticas para o patrimônio e para os museus no Brasil. Louvamos os movimentos desse campo de saberes que se reinventam cotidianamente com vistas a superar os muitos obstáculos provocados pelo processo de ideologização das instituições museais e o esvaziamento das políticas culturais, tão duramente construídas.

A ABA, em 2019, passou a compor o Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro (criado em outubro de 2019 em Porto Alegre-RS), cujos fóruns estaduais reuniram seus esforços para deter o desmonte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o desmanche de vários projetos culturais.

Podemos percorrer os trabalhos deste livro, valorizando nas entrelinhas, nos seus muitos artigos, o esforço exigido para incentivar a continuidade dos trabalhos museais, patrimoniais e culturais em diálogo permanente com suas instituições, grupos e atores.

Com efeito, tanto aqui se oferece para nós o contato com uma festa etnográfica, sensível aos seus muitos movimentos e formas de sociabilidade, quanto análise minuciosa sobre o processo de desregulamentação das políticas culturais e seus enquadramentos ideológicos extremos.

A reflexão sobre esses movimentos opostos também nos leva a observações sobre o processo de globalização nessa época pandêmica, que não se encontra fechado a controvérsias, muito ao contrário. O silêncio que se impôs ao desvalorizado Cais do Valongo, onde desembarcaram um milhão de escravos, não chegou a se constituir como controvérsia. Afinal, o que significa para um país que insiste em invisibilizar a escravidão, os esforços do dia a dia para deter o autoritarismo moral, político e social aliado a um desmanche persistente das manifestações populares?

Certamente ajudam-nos a pensar os textos que se direcionam para um esforço comparativo com as experiências relativas a patrimônios coloniais na Alemanha e na Austrália. Direitos indígenas, mercado, políticas públicas associadas a emergência de novos artistas, de novas questões sobre a posse de obras de arte ensejam indagações importantes sobre a elaboração dos patrimônios e a posição social, política e cultural de seus artistas. Aqui no nosso país não se ignora o quanto tem sido difícil assimilar de modo amplo os avanços dos direitos indígenas, tal qual tem sido proposto pela antropologia e as suas ciências irmãs, a arqueologia e a museologia. E os direitos de viver, inseparáveis do domínio territorial e do exercício de suas culturas nos remetem indiscutivelmente para a defesa da vida e dos territórios indígenas, de ribeirinhos e quilombolas.

Assim, também podemos ler com esperança como tem se dado o processo de mapeamento das coleções etnográficas no Brasil, cujo fazer implica muitas interlocuções importantes. A visita ao Museu de Antropologia da UFG, que realizamos de modo indireto, também nos abre um horizonte importante. Apesar de não ser tudo flores, podemos usufruir as significativas imagens de beija-flores que sinalizam também para a circulação da vida na UFG. Esperamos ansiosas pelo renascer do Museu Nacional, a grande perda e o nosso luto.

Brindamos à diversidade cultural, à reinvenção e à persistência dos autores desta belíssima coletânea.

Aos antropólogos e antropólogas cujas pesquisas se encontram neste livro, nossos agradecimentos.